

# Tanto na terra como no CÉU

Com três décadas de convívio com Brasília, Daniela Nunes sente-se em casa quando passeia pelas quadras do Plano Piloto. Mas o motivo de maior admiração está acima dos prédios: é o manto azul que cobre o Planalto Central

ANDRÉ DUARTE  
ESPECIAL PARA O CORREIO

No mundo de Daniela o céu é mais azul, as ruas têm mais gente engravatada e o ar que se respira é purificado a cada vez que o vento sopra entre os prédios e os espaços públicos. Há 31 anos, ela “veio ao mundo” na Asa Norte, onde aprendeu a extrair as melhores impressões de Brasília a partir dos cenários mais prosaicos da cidade. Daniela considera-se uma orgulhosa moradora do Plano Piloto. Diz ter atravessado três décadas intensas, admirando as situações urbanas aparentemente comuns aos habitantes menos atentos.

Daniela Chaves Nunes é hoje uma integrante da Subsecretaria de Relações Públicas do Senado, formada, casada, mãe de Catarina, de apenas 3 anos, e dona do mesmo olhar privilegiado da época em que ainda brincava de ‘pique-esconde’ na infância com os vizinhos. Sem pudores bairristas, ela enche a boca para relatar que lugar nenhum supera a sensação de dirigir com os vidros abaixados, de sentir o clima peculiar e mergulhar nos amplos espaços públicos da capital federal.

Apesar da atenção voltada para os encantos terrenos da cidade, foi olhando para cima que a funcionária pública vislumbrou o brilho do planalto central. Daniela é astrônoma amadora. “O céu de Brasília é muito aberto, é mais azul. Você pode ver além das construções. Essa coisa do espaço é algo que me fascina na cidade. Não encontro isso em lugar nenhum”, diz.

Quando a astrônoma não está observando a arquitetura dos céus, trabalha como relações públicas do Senado. Ajuda a promover a imagem da Casa, além de receber visitantes de todo o Brasil. “Minha vida foi toda cercada por esse universo político. Meus pais também são funcionários públicos. Eu gosto desse estilo de vida, de ver gente engravatada, ainda mais porque eu posso ajudar a difundir a outra imagem da Casa. Talvez o país não tenha a exata dimensão do que é Brasília, mas aqui se trabalha muito”, defende, mirando ‘além’ do imaginário nacional sobre o Congresso Nacional.

Recorda com uma boa dose de nostalgia algumas das passagens marcantes que viveu na curta história da cidade: a eclosão das bandas locais e do rock nacional, a geração dos caras-pintadas e o crescimento da politização entre os jovens. “Era uma juventude que pulsava. Surgiu ali uma riqueza cultural. Esse estigma de juventude perdida não representou em nada esse tempo”, relata, citando o início da década de 1990.

É verdade que nem tudo é sonho e elogio. O Plano Piloto, classificado por Daniela como uma “bolha de vidro”, ainda incomoda pelo distanciamento social com as cidades circunvizinhas. “É tapar o sol com a peneira, mas estaria mentindo se dissesse que não gosto de morar aqui”, revela, como quem quisesse afirmar que, somente através do vidro, é possível avistar o céu.

José Varella/CB



DANIELA NUNES, RELAÇÕES PÚBLICAS PROFISSIONAL E ASTRÔNOMA AMADORA: LUGAR NENHUM SUPERA A SENSÇÃO DE DIRIGIR COM OS VIDROS DO CARRO ABAIXADOS

**ONDE NASCEU**  
Hospital Santa Helena, Asa Norte, em julho de 1975.

**ORIGEM FAMILIAR**  
Pai e mãe goianos.

**LEMBRANÇA DE INFÂNCIA**  
As brincadeiras de pique-esconde nas quadras residenciais e as festas juninas entre vizinhos de bloco.

**O QUE GOSTA EM BRASÍLIA**  
Os espaços públicos amplos e o céu da cidade. “O céu de Brasília é muito aberto, é mais azul. Você pode ver além das construções.”

33

BRASÍLIA,  
SABADO,  
21 DE ABRIL  
DE 2007